



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade" São Cristóvão/SE/Brasil 20 a 22 de Setembro de 2018 ISSN: 1982-3657



Recebido em:
18/07/2017
Aprovado em:
22/07/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

OS ATOS DE FALA EM TIRINHAS DE HAGAR: UMA CONCEPÇÃO PRAGMÁTICA À LUZ DE AUSTIN E SEARLE

ELBA SILVEIRA CHAGAS SILVA

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

Esta pesquisa analisa alguns enunciados das tiras de Hagar utilizando como referência a teoria dos atos de fala para explicar o fenômeno de interação. Tanto Austin como Searle defenderam a ideia de que a linguagem é um fenômeno dinâmico, que o dizer é agir, e seu sentido é estabelecido por meio das relações de poder, das intenções comunicativas, bem como de aspectos convencionais. Através das concepções de Armengaud (2006), Levinson (2007), Rajagopalan (2010), e outros, foi analisada a performance de alguns atos de fala e as condições institucionais de realização. Conclui-se que todo evento de fala contém um conteúdo proposicional e uma força ilocucionária que está ligada ao contexto determinando os sentidos no ato comunicativo.

Palavras-chave: Tiras de Hagar. Atos de Fala. Contexto.

This research analyzes some statements of the Hagar strips using as reference the theory of speech acts to explain the phenomenon of interaction. Both Austin and Searle defended the idea that language is a dynamic phenomenon, that saying is acting, and its meaning is established through the relations of power, of communicative intentions, as well as of conventional aspects. Through the conceptions of Armengaud (2006), Levinson (2007), Rajagopalan (2010), and others, the performance of some speech acts and the institutional conditions of realization were analyzed. It is concluded that every speech event contains a propositional content and an illocutionary force that is connected to the context determining the meanings in the communicative act. Keywords: Hagar Strips. Acts of Speech. Context.

INTRODUÇÃO

Para iniciar este trabalho serão feitas breves considerações a respeito da origem dos estudos da pragmática no âmbito da ciência da linguagem. Nesse sentido, é imprescindível citar a figura de Charles William Morris (1938), que foi um ávido estudioso das teorias filosóficas de Locke e Charles Sanders Peirce, precursores dos estudos semióticos. Pode-se dizer, que inspirados nestes filósofos, Morris se aprofundou no estudo dos signos e desenvolveu a teoria do estudo da linguagem em três campos: a sintaxe, a semântica e a pragmática. Foi na Universidade de Chicago que Morris conheceu e trabalhou com um importante nome, o filósofo Carnap. Este estudioso estabeleceu a diferença entre os conceitos de semântica, sintaxe e pragmática, classificando-os como áreas que fazem parte do campo de análise da linguagem. Mas Carnap fez algumas objeções ao tratar da pragmática, pois para ele a linguagem utilizada pelos usuários de uma comunidade em situações concretas era considerada um fenômeno complexo e muito variado. Daí a dificuldade de conceber o seu uso como objeto em que se pudesse fazer uma análise científica e filosófica da linguagem a partir de uma sistematização.

Em contrapartida, John L. Austin defendia que se poderia estudar a linguagem em seus diversos usos, por meio de uma sistematização, se levássemos em conta certos critérios na definição e escolhas de categorias adequadas para esta análise. Ele partiu da abordagem da linguagem como uma forma de ação, deixando transparecer, sobretudo, o caráter de diversidade e multiplicidade na utilização dos signos linguísticos. Para Gonçalves (2014, p. 310), "É a partir

da premissa básica de que falar é agir que, de acordo com os postulados austianos, podemos realizar, nas trocas verbais, três atos simultaneamente, ao que o autor rotula de ato locutório, ilocutório e perlocutório”.

Neste trabalho, enfatiza-se a importância dos atos de fala por ele ser considerado um elemento pertinente em relação ao uso da linguagem inserida em seus diversos contextos enunciativos. À luz dos estudos feitos pelos autores citados acima, pode-se dizer que a pragmática trata do relacionamento dos signos com os falantes no processo de interação, bem como o modo como os interlocutores concebem e empregam os signos ao produzirem a comunicação. Dessa forma, sem deixar de conceber a semântica e a sintaxe como campos importantes para a operacionalização do sistema linguístico, este trabalho se atém ao estudo de alguns aspectos pragmáticos, fazendo uma análise deste complexo e abstrato campo da língua, em que há uma imensa variação semântica e a heterogeneidade é constitutiva da linguagem, justamente pela diversidade de contextos de seus usos com finalidades e intenções explícitas e também implícitas.

Este estudo faz uma análise pragmática da língua a partir das relações entre os signos e os usuários de um determinado sistema linguístico. Vale considerar, que juntamente com as implicaturas e as pressuposições, os atos de fala são considerados, assuntos no campo da pragmática que exercem relevância na explicação do processo de interação entre os falantes de uma língua. Este artigo concentra-se nos Atos de Fala, que desde o surgimento dessa teoria com Austin (1911-1960), e posteriormente com Searle, vem exercendo não só na área da linguística, mas em diversos campos, um importante objeto de discussões científicas no tocante a compreensão e uso da linguagem. Servirá de corpus para esta abordagem um conjunto de enunciados retirados de tirinhas. Com o auxílio das concepções de Rajagopalan (2010), Levinson (2007), Armengaud (2006), e outros autores, tem-se como objetivo analisar através do corpus dos enunciados, a performance de alguns tipos de atos de fala, as suas condições institucionais de realização, sem esquecer de focar a dimensão social em que se realiza a linguagem. Através do estudo da pragmática de terceiro grau (a teoria dos atos de fala), analisar-se-á como o uso da linguagem se relaciona com o contexto social, fazendo-se perceptível por meio das dimensões ilocutiva e perlocutiva.

É preciso dizer, que a teoria dos atos de fala, vem explicar que a língua é constituída por um sistema em que a comunicação está pautada não somente na produção de sentenças declarativas, podendo ser verificadas de acordo com as condições de *verdade* e *falsidade*. Mas sim, do ponto de vista dinâmico, na realização de ações quando proferimos sentenças. Por isso é que a obra de Austin, *HowTo Do Things With Words* (1962), é considerada por vários filósofos da linguagem como um divisor de águas referente à expressão da linguagem no campo das teorias linguísticas. Este trabalho não pretende fazer uma comparação da importância dos estudos de Austin e Searle, ele objetiva mostrar tão e somente a importância das aplicações teóricas desenvolvidas por estes estudiosos para uma melhor compreensão da linguagem. Apesar de alguns estudiosos, como Levinson (2007), afirmar que Austin não sofreu influência direta de Wittgenstein, pode-se dizer que sua teoria partilha das ideias dos jogos de linguagem defendido por Wittgenstein, que preconiza que é o uso das palavras em contextos linguísticos diversos que determina o seu sentido enunciativo.

Ao longo do trabalho será analisado o conceito de atos de fala, bem como seus diferentes tipos, o que vem a ser ato ilocucionário e como Austin concebe o que ele chama de força ilocucionária no processo do acontecimento de interlocução e realização da fala.

ASPECTOS TEÓRICOS

A teoria dos Atos de Fala surgiu da necessidade em elucidar o uso das diferentes formas de linguagem tendo como pressuposto que dizer é agir dentro de um contexto. A partir da publicação da obra *HowTo Do ThingsWithWords*, Austin inaugura uma nova concepção teórica da linguagem. Ele propõe um método de análise filosófica que serviria mais tarde não só ao campo específico da linguística, mas também às ciências humanas e sociais. Nas palavras de Levinson (2007, p. 289), “Austin observou que algumas sentenças declarativas da linguagem comum, ao contrário das suposições positivistas lógicas, não são visivelmente usadas com qualquer intenção de fazer declarações verdadeiras ou falsas”. Foi a partir desta constatação que Austin classificou as sentenças em constatativas e performativas. As primeiras têm como finalidade descrever os fatos e eventos ditos pela comunicação. Já as segundas têm a capacidade de realizar ações ao serem proferidas. Posteriormente, ao prosseguir em seus estudos, Austin percebeu falhas na classificação da dicotomia performativas x constatativas visto que as constatativas também possuíam uma

dimensão performativa. Sendo assim, Austin (apud Levinson 2007, p. 291), defendeu a ideia de condições de felicidade e estabeleceu três categorias para as sentenças performativas:

- A. (i) Deve existir um procedimento convencional que tenha um efeito convencional
 - (ii) As circunstâncias e as pessoas devem ser adequadas, conforme especificado no procedimento
- A. O procedimento deve ser executado (i) corretamente e (ii) completamente
- B. Muitas vezes, (i) as pessoas devem ter os pensamentos, sentimentos e intenções requeridos conforme especificado no procedimento, e (ii) se a conduta consequente é especificada, então, as partes relevantes devem ater-se a essa conduta.

Apesar das colocações de Austin serem plausíveis na explicação do comportamento de alguns atos de fala, percebe-se que muitas sentenças não atendem as expectativas das condições de felicidade defendidas por ele e nem por isso deixam de ser enunciados representativos de ação. Levinson 2007 vai dizer que esses pressupostos de Austin sofreram alguns deslizamentos e dessa forma passaram a existir uma classe geral de enunciações performativas denominadas implícitas e explícitas que são capazes de incluir muitos tipos de enunciações e talvez todas. E ainda, segundo Levinson, a dicotomia performativa x constativa desloca o seu sentido para uma teoria geral dos atos ilocucionários.

Para Armengaud (2006, p. 100), “Ao pronunciar uma frase, um falante realiza um, outro ou, às vezes, vários atos. O ato em si não deve ser confundido com a frase (ou com a expressão linguística, qualquer que seja ela) utilizada em sua realização”. Diante disso, podemos perceber que um ato de fala possui várias dimensões. Sendo cada ato, muito diferente uns dos outros, a depender do contexto e das expectativas dos seus falantes. Dessa forma, Austin classificou os atos de fala em três dimensões que são: ato locucionário – que pode ser compreendido como a existência da própria frase, atendendo a uma organização semântica e sintática; o ato ilocucionário – é o proferimento da sentença, a realização do próprio ato, gerando expectativas no locutor; e o ato perlocutário – que visa provocar um efeito de sentido e a manifestação de uma atitude por parte do interlocutor, pois este ato influencia no sentimento e no pensamento das pessoas.

Austin classificou, para fins explicativos, cinco categorias relacionadas ao ato ilocucionário:

- Os veridictivos – que dão um parecer em relação a um determinado assunto. Isso acontece nos pareceres de médicos, juízes ou até mesmo pessoas comuns em situações cotidianas, pautadas em valores e provas.
- Os exercitivos – levam em consideração a autoridade do falante, que toma uma decisão a favor ou contra determinados comportamentos.
- Os comissivos – neste ato o falante se compromete a cumprir algo que está sendo dito.
- Os expositivos – são formas de manifestar concepções, de argumentar, fazer um esclarecimento em relação à utilização de certas palavras na exposição de ideias.
- Os comportamentais – dizem respeito às manifestações de comportamento em relação ao locutor a partir de atitudes expressadas por outros. Utilizam-se palavras que expressam determinados sentimentos ou reações como de protesto, de crítica, de pedir desculpas, de dar pêsames, de desculpar e outros.

Armengaud (2006, p. 102), diz que:

Os atos de fala foram examinados por Austin e Searle isoladamente, para fins de delimitação. Por outro lado, tanto Wunderlich quanto Jacques avaliam que nenhum ato de fala pode ser realizado isoladamente. Encontram-se atos que estão inseridos em sequências reguladas de atos.

Diante da afirmação acima, é importante perceber que o processo de produção dos atos é influenciado por condições subjetivas como crenças dos agentes da interlocução. Também é preciso considerar o caráter dialógico no processo

comunicativo. Há um jogo de linguagem onde os falantes partilham suas crenças, seus hábitos e também suas expectativas. Por exemplo, quando o locutor faz uma pergunta, uma objeção ou pede uma permissão em relação a algo, é natural constatar que as formas de elaboração desses enunciados são variadas, bem como haverá diferentes formas de respostas, dependendo de cada participante desse jogo interativo. Na concepção de Armengaud (2006, p. 103), “Os relatos, as argumentações, as descrições, os diálogos, são grandes unidades de sequências de atos de fala”. Ou seja, seus estudos concentram-se mais do que no estudo de enunciados, com a classificação de verbos performativos. A base filosófica em que estão inseridos Os Atos de Fala possui elementos teóricos que dão suporte a várias outras áreas como a da análise do discurso, análise da conversação e também no campo das teorias de aquisição linguística.

Em relação à Searle, pode-se dizer que o mesmo concentrou as suas análises não somente na classificação dos atos de fala, ele focou sua atenção também para a classificação de verbos ilocucionários. Ele sistematizou a teoria de Austin, destacando cinco categorias essenciais que as pessoas utilizam para produzir atos de fala por meio dos enunciados. De acordo com Searle (1976), citado por Levinson (2007, p. 305), são elas:

- (i) **representativas**, que comprometem o falante com a verdade da proposição expressa (casos paradigmáticos: afirmar, concluir, etc.)
- (ii) **diretivas**, que são tentativas do falante de fazer com que o destinatário faça algo (casos paradigmáticos: pedir, perguntar)
- (iii) **comissivas**, que comprometem o falante com algum curso de ação futuro (casos paradigmáticos; prometer, ameaçar, oferecer)
- (iv) **expressivas**, que expressam um estado psicológico (casos paradigmáticos: agradecer, desculpar-se, dar as boas-vindas, parabenizar)
- (v) **declarações**, que resultam em mudanças imediatas no estado institucional de coisas e que tendem a se valer de instituições extralinguísticas complexas (casos paradigmáticos: excomungar, declarar guerra, batizar, demitir do emprego).

Para este estudioso, toda vez que o falante produz um enunciado, acontece um ato proposicional, que se refere ao conteúdo comunicado e há também uma força ilocucionária, acrescentando que não há uma correspondência única entre conteúdo proposicional e força ilocucionária, visto que uma mesma proposição pode dar a entender diferentes valores ilocutórios. A frase: *Ana, lave a louça*, por exemplo, pode possuir força ilocutória que represente uma ordem, um conselho, ou um pedido, etc. Devido a essa ausência de correspondência única entre a estrutura de sintaxe dos enunciados com o seu valor ilocucionário, muitas vezes implícito, surgiu uma outra questão a ser estudada dentro dos Atos de Fala que é a existência de atos diretos e indiretos. Podemos dizer que um **ato de fala é direto** quando o sujeito realiza a comunicação por meio de estruturas linguísticas claras, sem rodeios, isto é, comuns dessas formas de ato. Já um **ato de fala indireto**, a sua realização acontece utilizando formas linguísticas representativas de outro tipo de ato. Na verdade, os falantes dizem algo com intenções implícitas. Por meio de uma linguagem não direta. De acordo com Mey (2014, p. 134), “(...) os chamados atos de fala ‘indiretos’ originam sua força não apenas da intenção do falante ou das palavras reais pronunciadas, mas sim da *situação* em que são apropriadamente enunciadas”.

Para Searle, o ato ilocucionário possui um conteúdo proposicional em que o locutor manifesta por meio da produção de enunciados suas convicções e posições acerca do que se fala e a influência dos estados psicológicos dos falantes é uma informação relevante. Para Searle (apud Armengaud, 2006, p. 112), “O conteúdo proposicional é sempre a realização de uma ação por parte do ouvinte. Exemplos de verbos que produzem atos desse tipo: pedir, mandar, rezar, convidar, permitir, aconselhar, desafiar (...)”.

Armengaud (2006, p. 107), baseado em Searle, diz que:

Os principais estados psicológicos aptos a reagrupar o maior número de atos ilocucionários são: a crença (asserção, observação, explicação, postulação, dedução), a intenção

(promessa, voto, ameaça), o desejo ou a necessidade (pedido, ordem, prece, súplica), o prazer (felicitações, saudação de boas vindas).

Searle propõe sua classificação dos atos ilocucionários com a definição de doze critérios sendo que os que mais ele destaca são: 1) Diferença quanto à finalidade do ato; 2) Diferenças quanto à orientação de ajuste entre as palavras e as coisas; 3) Diferença acerca dos estados psicológicos expressos. Ele aprimora o conceito de atos performativos. Diz que nem sempre basta apenas que o falante possua certas condições convencionais para realizar certos atos, pois qualquer falante pode ser capaz de produzir atos performativos. Para que isto ocorra é preciso seguir “as regras gerais da linguagem” sem necessariamente apelar para uma determinada instituição particular ou obedecer a um conjunto de regras limitadas de convenções. Outra ampliação em relação à performance do ato ilocucionário é ressaltada por Armengaud (2006, p. 110), baseado em Searle, que diz que “Há verbos ilocucionários que não são performativos”.

2 ANÁLISE DOS ATOS DE FALA EM ALGUMAS PASSAGENS DAS TIRINHAS DE HAGAR

Através desta análise, pretende-se explicitar alguns pressupostos defendidos por Austin e Searle em sua teoria dos atos de fala. São utilizados como corpus tirinhas de Hagar, O Horrível, do quadrinista Dik Browne. Hagar foi criado nos fins de 1972. Dik faleceu em 1989, e seu filho Chris deu continuidade a esta criação desde então. Além da identificação de alguns elementos que expliquem a teoria dos atos de fala, procura-se mostrar os sentidos que os enunciados exprimem dentro de um dado contexto em que foram criadas as falas ressaltando as ações que as palavras proferidas realizam por meio da linguagem. Dessa forma, passemos a análise dos atos de fala retirados de algumas tirinhas de Hagar:

◦

Aconteceu alguma coisa importante enquanto eu eu estive fora

•

Bom, deixa ver... o império romano caiu ...a idade das trevas começou em junho...o rei Clóvis converteu os francos... os hunos saquearam a nossa aldeia e o teu velho cachorro teve filhotes.

◦

Oba! Filhotes!

Diante dos enunciados do locutor, pode-se perceber que o locutor (Hagar) utiliza uma frase interrogativa, por meio do verbo *acontecer*. Através do proferimento das suas palavras ele age, pratica a ação de perguntar, demonstrando, assim, a sua preocupação em obter uma determinada informação. No entanto, ao final do enunciado do interlocutor, há um acontecimento que marca sua fala que é o fato de o velho cachorro de Hagar ter tido filhotes. A pergunta do locutor só foi respondida de maneira satisfatória com o anúncio do último fato. Desta forma, nota-se que toda ação de fala realizada pelo locutor (Hagar) foi marcada por uma expectativa que só foi correspondida na última frase.

Observemos os próximos enunciados:

◦

Sabia que estou acordado há duas horas por causa dessa cantoria

•

Puxa, não sabia que o senhor admirava tanto a minha música!

Para May (2014, p. 143), “Agir fora de contexto é simplesmente tão inaceitável como citar fora do contexto; o contexto da situação determina nossos níveis de liberdade no uso da linguagem (...)”. A fala do locutor é um ato ilocucionário, onde o mesmo manifesta toda a sua indignação ao fazer uma interrogação acerca da cantoria que tanto lhe incomoda. Ao perguntar, o locutor também age. Ao invés de pedir diretamente para acabar com o barulho, ele pratica um ato de fala indireto. De acordo com Austin, também podemos dizer que o locutor utiliza a categoria chamada

“comportamental”, pois ao proferir o enunciado, o falante protesta e critica a atitude de indivíduos estarem fazendo barulho e os incomodando. Segundo Austin (1962) apud Armengaud (2006, p. 104), “trata-se de reações ao comportamento dos outros, aos acontecimentos que lhe dizem respeito”. Nesse caso, a crítica e protesto decorrem do fato do personagem estar sendo incomodado com o barulho da música, sem poder dormir. Como se sabe, os atos são divididos em locucionário, ilocucionário e perlocucionário, segundo Austin. Portanto, ao analisarmos a resposta, do interlocutor, podemos perceber que há o que chamamos de ato perlocucionário. Este ato diz respeito às reações manifestadas pelo interlocutor no ato de interação. Podemos perceber que o ato ilocucionário do locutor (Hagar) não foi feliz em relação ao alcance da sua expectativa, que era a de fazer com que fosse cessado o barulho e assim ele pudesse dormir. Uma possível leitura pode nos levar a entender que o interlocutor se utiliza da ironia, fazendo com que seu enunciado também se encaixe na categoria “comportamental”, através da atitude de provocação, da ação de desafiar Hagar.

Nos próximos enunciados podemos ver que os atos de fala podem ter um caráter polissêmico, dando margem a várias interpretações.

Locutor:

Qual é o sentido da vida

Por que estou aqui

•

Você está aqui porque o dono do bar deixa você pendurar a conta até o fim do mês

Na fala do locutor é levantada uma questão existencial. Podemos notar que o agente da interação responde as suas perguntas com outra pergunta (fala do interlocutor). Dá para entender que há uma linguagem polissêmica, que possibilita a interpretação dando outros sentidos. A forma como age o receptor da mensagem não corresponde às expectativas de resposta esperadas pelo locutor. Podemos dizer que uma das possíveis causas que leva a isto é que o interlocutor pode não ter entendido a mensagem ou até mesmo faz uma ironia, apelando para o humor com o intuito de animar o seu amigo que está triste e afogando as suas desilusões na bebida.

Observemos os enunciados que seguem:

Helga:

É isso aí! Fica sentado aí sem fazer nada enquanto eu arrasto nossos móveis pesados e levanto nossos tapetes pesados!!

•

Tá bem, Helga

Que mulher! Ela não quer que eu machuque as costas!

Helga, que é uma dona de casa, atarefada com o trabalho doméstico, com o seu enunciado pode estar apelando para a sensibilidade do marido por meio de um ato de fala indireto. Talvez por uma questão de relação de poder, estabelecida entre o casal da história, onde o homem manda e a mulher obedece, não fosse conveniente que Helga pedisse uma ajuda ao seu esposo por meio de um ato direto, pois na concepção machista de Hagar era obrigação da mulher cuidar dos afazeres domésticos. Nesses enunciados, a mulher representa um EU (um sujeito que produz o ato de fala com a intenção de exprimir as suas queixas), e Hagar, pode ser representado pelo TU (sujeito-interlocutor). De acordo com Charaudeau (2016, p. 44) “O TU não é um simples receptor da mensagem, mas sim um sujeito que constrói uma interpretação em função do ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso e, portanto, sobre o EU (...)”. A força ilocucionária do ato de fala de Helga não foi suficiente para sensibilizar Hagar, que através da expressão dos atos perlocucionários demonstraram passividade e uma certa ironia em relação as queixas indiretas da sua esposa. Outra possível leitura seria a de que Helga estivesse poupando o seu marido dos afazeres domésticos, fazendo tudo sozinha. Por meio do conteúdo proposicional, podemos também depreender que a mulher talvez tivesse

tratando Hagar como um inútil, incapaz de ajudá-la nas tarefas domésticas.

Por fim, analisemos os enunciados abaixo:

◦
Decidi desistir da bebida e das festas este ano!

•
Quando é que vai desistir de fazer promessas que não pode cumprir!

◦
Ano que vem.

Nota-se que o locutor utiliza o verbo *decidir*, em 1ª pessoa, no pretérito do indicativo, e apesar de agir fazendo uma promessa não utilizou o verbo performativo *prometer*. Nota-se também que o prometido que está sendo dito no conteúdo proposicional não é dito com sinceridade. Portanto, as condições de felicidade defendidas por Searle, especificamente nesta situação não foi possível serem atendidas, pois houve a prerrogativa do falante não possuir a capacidade de cumprir o que estava sendo dito. Essa forma de agir com as palavras imprimiram certo humor na linguagem do falante. Dessa maneira, pode-se ver que os atos de fala são manifestados a partir de intenções comunicativas e que a força ilocucionária pode se apresentar de diversas maneiras.

CONCLUSÃO

De acordo com as teorias de Austin e Searle, pode-se dizer que os atos de fala constituem um assunto bastante complexo e que não pode ser explicado apenas a partir da dicotomia performativos x constatativos. Austin deixou através de seus escritos uma teoria a ser estudada, analisada e aprofundada para dessa forma tentar se compreender cada vez mais a relação que existe entre o ato de falar e o agir. Como ressalta Rajagopalan (2010, p. 242), “É impossível ignorar a permanente influência que Austin tem exercido nos rumos da linguística contemporânea”.

Tanto Austin como Searle deixaram transparecer que a linguagem é um fenômeno dinâmico e seu sentido é estabelecido por meio das relações de poder, intenções comunicativas, elementos convencionais, mas que não são incapazes de extrapolar os sentidos implícitos. São verdadeiros jogos de linguagem, como assim defendia Wittgenstein. Nas tirinhas analisadas neste trabalho, buscou-se explorar os sentidos que permeiam o ato de linguagem. Observou-se nelas, que os atos de fala diretos e indiretos foram usados pelos interlocutores com determinado propósito comunicativo, para obedecerem a certas regras inerentes a linguagem e típicas do contexto. À luz das teorias dos atos de fala, desenvolvida pelo filósofo de Oxford e sistematizada pelo seu discípulo norte-americano Searle, não se pode deixar de dizer que os interlocutores envolvidos no ato de linguagem são seres sociais, que carregam traços psicológicos e valores éticos ao produzirem linguagem e que a produzem com determinada intenção comunicativa. Todo evento de fala contém um conteúdo proposicional, que por sua vez possui uma força ilocucionária capaz de determinar os sentidos no processo comunicativo.

Fazendo uso mais uma vez das palavras de Rajagopalan (2010, p. 242), “Praticamente tudo o que se faz hoje em dia na área de pragmática, o subdomínio da linguística que mais cresceu nas últimas duas décadas ou três décadas, traz marcas inconfundíveis do pensamento do filósofo inglês”. Ele deu o pontapé inicial para que pudéssemos estudar os elementos envolvidos na produção da linguagem como: a pessoa que fala, o seu interlocutor, com que intenção se fala, o que se fala, etc, capazes de fornecer os elementos para a compreensão dos enunciados. Austin inaugura assim uma nova percepção da linguagem por meio do caráter performativo e pragmático que vai além dos estudos linguísticos pautados exclusivamente em aspectos descritivos.

REFERÊNCIAS

ARMENGAUD, F. **A pragmática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GONÇALVES, J. B. C. Pragmática e Ética: atos de fala e ethos discursivo. In: **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 308-322.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MEY, J. L. Sequencialidade, contexto e forma linguística. In: **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 129-144.

RAJAGOPALAN, K. **A nova pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

REFERÊNCIAS DO CORPUS COLETADO

Tirinhas curtas e engraçadas. www.alienado.net/tirinhas-curtas-e-engracadas/.

Data de acesso: 26 jan. 2017.

Leitura de quadrinhos para o Enem. www.interpretarhq.blogspot.com.br. Data de acesso: 26 jan. 2017.

Ainda sou do tempo. www.aindasoudotempo.blogspot.com.br/2015/02/do-hagar-o-terrivel.html. Data de acesso: 26 jan. 2017.

www.português.uol.com.br/gramatica/denotação-conotação-.html. Data de acesso: 26 jan. 2017.

www.exercicios.brasilecola.uol.com.br/exercicios-redação/exercícios-sobre-tipos-coerência-textual.html. Data de acesso: 26 jan. 2017.

Elba Silveira Chagas Silva: Graduada em Letras Português-Inglês pela Faculdade Atlântico, Aracaju-SE. Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe. E-mail: elbastar@bol.com.br.